



A NOVA CRIATURA

Ajudando os santos a consolidarem sua chamada e eleição. – 1 Pedro 1:10

A unidade do Corpo de Cristo

“Pois nós, embora muitos, somos um só pão, um só corpo; porque todos participamos de um mesmo pão.” – 1 Cor. 10:17

Esse conhecido texto do Memorial ocorre num contexto em que se discute a idolatria de Israel enquanto estavam vagando 40 anos no deserto. Paulo nos encoraja a evitar os exemplos de Israel. Eles cometeram fornicção com outros povos, adoraram deuses pagãos, queixaram-se do maná, e fizeram um bezerro de ouro que representava Jeová. Murmuraram contra Moisés, Arão e Jeová por causa do mau relato dos 10 espiões. Colocaram seus desejos, pensamentos e apetites acima dos mandamentos e das graciosas provisões de Jeová. Não satisfeitos com os caminhos Dele, queriam os seus próprios. Seu ídolo de auto-interesse, ou interesse próprio, pode ser o ídolo mais sutil e perigoso de todos.

Paulo menciona a ilustração do Memorial para assinalar que, ao participarmos dos emblemas do sacrifício de Jesus, demonstramos que nos empenhamos para viver de acordo com os propósitos pelos quais Jesus viveu e deu a sua vida na cruz. Paulo compara o nosso comer dos emblemas com os sacerdotes de Israel que comiam alguns dos sacrifícios oferecidos pelo povo sob a Lei. Levítico 6:14-30 registra as leis relativas às ofertas de cereais e às ofertas pelo pecado. Qualquer sacerdote que comesse tais sacrifícios “seria santo” ou consagrado (vs. 18, 27), isto é, demonstraria que foi consagrado para o serviço no Tabernáculo ou Templo.

Paulo quer dizer que se comermos os emblemas do sacrifício de Jesus, declaramos que consagramos nossa vida a Jesus e ao seu Pai. Se posteriormente nossa vida voltar a se tornar governada por interesse e vontade próprios, em vez da vontade de Deus, então estamos em idolatria, com as suas consequências.

Paulo incluí o pensamento do nosso texto temático. Visto que há um só pão (o corpo de Jesus), e todos nós participamos desse pão, então nós, que somos muitos, somos um só corpo (unido) de discípulos consagrados de Jesus.



Unidade

A unidade do Corpo de Cristo é um tema que o Apóstolo Paulo abordou repetidas vezes por escrito às igrejas. Ele compreendeu profundamente o desejo do Senhor de haver unidade entre os seus discípulos.

Jesus orou para que seus seguidores demonstrassem unidade como um testemunho ao mundo: *“E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um; eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, a fim de que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste a eles, assim como me amaste a mim.”* Será que a história registra que essa é a forma como os cristãos têm vivido? Não; longe disso. Em vez de unidade, harmonia e cooperação, os cristãos são frequentemente conhecidos por suas brigas e divisões. Perseguições e guerras têm surgido entre povos de diferentes crenças cristãs. Hoje em dia, existem

aproximadamente 41.000 igrejas ou denominações cristãs distintas em todo o mundo.

Por que existem tantas denominações e grupos eclesiásticos? Por causa de discordâncias sobre (1) interpretação das Escrituras e crenças, (2) práticas nos cultos e atividades das igrejas, (3) estrutura da igreja e onde reside a autoridade, se a hierarquia é congregacional ou centralizada, e (4) diferenças de personalidades, interesses e talentos. Alguns enfatizam o conhecimento bíblico; outros preferem métodos criativos e artísticos de culto, outros centram-se no serviço. (5) Diferenças sobre tradições transmitidas ao longo de gerações ou séculos. Por exemplo, alguns usam a música cristã contemporânea, outros preferem os hinos tradicionais. (6) Por vezes, as pessoas simplesmente não se dão bem umas com as outras. Os

cristãos ainda lutam contra o orgulho, o egoísmo e a teimosia. Por vezes, as pessoas sentem-se ofendidas e levam as discordâncias para o lado pessoal. Talvez seja por isso que Jesus centrou tanto o seu ensino no amor e no perdão como uma expressão do tipo de pessoas que ele quer que sejamos.

O que dizem as Escrituras?

“Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!” (Salmo 133:1)

“Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós. Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo. ... E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.” (Efé. 4:2-7, 11-13)

A chave é a humildade

Paulo disse que Cristo criou a diversidade entre os membros do seu corpo ao dar diferentes dons ou talentos a cada um. No entanto, apesar dessas diferenças, ele nos diz para sermos um em Espírito. Como fazer isso? Por termos humildade.

Se não concordarmos com um concristão, seríamos capazes de nos perguntar: “Será que estou errado?” Só se tivermos verdadeira humildade. Se na conversa subsequente e no estudo pessoal nos sentirmos certos de nossa posição, será que conseguiríamos aceitar e respeitar a liberdade que a outra pessoa tem de ter um entendimento diferente? Só se tivermos humildade.

A verdadeira unidade durante esta Era do Evangelho só pode ser alcançada quando cada membro do Corpo de Cristo tiver a convicção de que “não sou melhor nem mais importante do que ninguém”, e quando houver um respeito sincero pelas diferenças entre os filhos de Deus. Esse respeito deve afirmar o valor de todos os outros humanos e o direito de existirem como parte da criação de Deus, incluindo a Sua Nova Criação. A humildade deve estar profundamente arraigada em nosso coração e mente.

“Digo a cada um dentre vós que não tenha de si mesmo mais alto conceito do que convém; mas que pense de si sobriamente... Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente uns dos outros. De modo que temos diferentes dons... profetizar... ministrar... ensinar... exortar... repartir... presidir... usar de misericórdia. O amor seja não fingido. Odiai o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal,

preferindo-vos em honra uns aos outros. ... Sede unânimes entre vós; não sejais ambiciosos... estejais dispostos a vos associar com os humildes; não sejais sábios aos vossos olhos.” (Rom. 12:3-10, 16)

A humildade reconhece que não somos mais dignos da salvação e do amor de Deus do que qualquer outra pessoa, pois ninguém é digno à Sua vista. Nossas necessidades não são mais importantes do que as de outros. Nossos entendimentos, embora preciosos para nós, não têm mais peso para os outros apenas porque acreditamos neles. Sabemos apenas em parte, mesmo que nosso entendimento esteja majoritariamente correto em relação ao entendimento dos outros. Não podemos automaticamente invalidar a alegação que outros fazem no sentido de que seguem a orientação de Deus.

“Com respeito aos alimentos sacrificados aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento. O conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica. Quem pensa conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria.” (1 Cor. 8:1, 2, NVI)

“O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá.” (1 Cor. 13:8-10)

Evite o espírito de competição

Para acabar com o espírito de competição, precisamos eliminar sentimentos de auto-importância e de sermos mais valiosos do que os outros. Quando a competição desaparece na nossa mente, só há lugar para a alegria e o apreço pelo próximo. Isso é verdadeira humildade. Só ocorre quando nos esvaziamos de interesse próprio e praticamos a regra de ouro de modo automático. É então que conseguimos amar até mesmo nossos inimigos.

Podemos ser o tesouro especial de Deus, e ainda assim não sermos melhores ou mais importantes do que outros. Esse é um “paradoxo divino” — ambos são verdadeiros. Nosso relacionamento com Deus possui um amplo espectro — num dos extremos do espectro somos especiais para Deus, no outro, somos como nada aos Seus olhos. A ponte entre esses dois extremos é Jesus Cristo.

Não deve haver competição gerada em virtude de alguém ter crenças diferentes das nossas. Nada tem de ser feito nesta Era para resolver o fato de que outros acreditam e agem de forma diferente. Deus resolverá essas diferenças de Seu modo e no Seu devido tempo. Não precisamos ficar ansiosos por causa das diferenças, a menos que se diga que somos nós que estamos errados.

Não podemos mudar as opiniões ou perspectivas dos outros, a menos que Deus abra os seus corações. Nunca devemos sentir que “ganhamos” ou que fomos “vindicados” em relação a outros. Podemos não ser o instrumento de Deus para resolver as diferenças agora. No entanto, podemos falar respeitosamente sobre nossos diferentes entendimentos e, quem sabe, alcançar o respeito mútuo e superar as divisões.

As diferenças dos outros não nos diminuem de forma alguma porque somos diferentes deles. Assim, as

diferenças dos outros (crenças, modos de servir, atividades, etc.) não são uma ameaça inerente para nós.

Mantenha a humildade quando há divisões

Podemos nos reunir e operar separadamente de outros sem os condenarmos ou nos sentirmos superiores. Por exemplo, a crença no tormento eterno distorce o carácter de Deus e não é apoiada pelas Escrituras. Mas não precisamos condenar as pessoas que defendem esse ponto de vista ou nos sentir superiores a elas.

Podemos ver a hipocrisia na posição dos outros e apontar isso com compaixão e humildade. Acreditamos no que acreditamos porque nossos estudos da Palavra de Deus e nossa experiência cristã nos levaram a conclusões que são convincentes para a razão e atraentes para o coração. O mesmo se aplica a todos os outros cristãos sinceros. Devemos respeitar isso, embora discordando das suas conclusões. Mesmo as pessoas de outras religiões devem ser respeitadas, pois como se poderia esperar que compreendessem se Deus não as chamou e não lhes deu poder com Seu Espírito?

É natural que nos reunamos com aqueles que têm a mesma opinião sobre as Escrituras e sobre como levar uma vida cristã. O que é errado é encarar aqueles que se reúnem em outros grupos como sendo menos fiéis. Não é errado nos separar de outros grupos para promover a paz e a harmonia nas reuniões e em outras atividades. O que é errado é ceder à tentação de julgar que os outros são menos fiéis ou menos espirituais do que nós.

As divisões nos dias de Paulo

Havia divisões na igreja nos dias do Apóstolo Paulo. *“As reuniões de vocês mais fazem mal do que bem. ... Ouço que... há divisões entre vocês... Pois é necessário que haja divergências entre vocês, para que sejam conhecidos quais dentre vocês são aprovados.”* (1 Coríntios 11:17-19, NVT)

Não pensaremos todos da mesma maneira e poderemos não nos reunir todos juntos. Alguns serão aprovados pelo Senhor, e outros não. Mas mesmo assim, o apelo é claramente em prol da unidade.

Onde houver separações e divisões, é importante que aqueles que se separam não subam em um pedestal de auto-justificação tal como, “Estamos fazendo isso para proteger a pureza da verdade.”¹ Para quem sai, isso pode ser uma cortina de fumaça para ocultar o verdadeiro motivo, isto é, a relutância em tolerar outros pontos de vista. Para os que permanecem, é preciso evitar fazer acusações injustificadas dos motivos dos outros.

A humildade não exige uniformidade

Por vezes, os líderes de uma eclesía têm suprimido a liberdade de expressão. Por vezes os irmãos separaram-se para recuperar a liberdade cristã.

Se reconhecemos o que Paulo disse — que no momento conhecemos apenas em parte — não cairemos na presunção de usar nossa própria perspectiva de como conduzir a vida consagrada como um modelo para os demais conecristãos. Podemos até servir de exemplo uns para os outros, mas não como uma base para o

juízo sobre a própria posição de alguém perante Deus.

Se alguém se esforçar vigorosamente para convencer os outros das suas opiniões, isso pode ser o resultado de alguma ansiedade não resolvida. Talvez não consigam imaginar como alguém poderia ser feliz sem ver as coisas do mesmo jeito que eles. Ou talvez não possam ser felizes sem verem as coisas do modo diferente. Essa abordagem “missionária” de tentar convencer os outros é muito diferente da mera partilha de uma opinião resultante de estudo pessoal e que pode acabar sendo uma bênção para os outros.

A humildade abraça a liberdade e a diversidade

Como Estudantes da Bíblia, sem dúvida não estaríamos dispostos a nos reunir regularmente com grupos que acreditam na Trindade, na alma imortal e no tormento eterno. Mas há outras diferenças que poderiam ou deveriam ser toleradas, porque não violam o Plano de Deus com o qual concordamos, e não afetam nossa compreensão das expectativas de Deus sobre o desenvolvimento do carácter. Os exemplos podem incluir:

- Quando é que o Milênio (1000 anos) começa e acaba?
- O Novo Pacto entra em vigor no início da Era Evangélica ou da Era Milenar? Ou no fim da Era Milenar?
- Todas as questões relativas à cronologia.

O irmão Russell tem um excelente conselho sobre isso (R5348): “Não permitam que nenhuma disputa por um dia ou um ano rompa o vínculo mais precioso de amor que nos une ao Senhor e a todos os que são verdadeiramente dele. Sejam especialmente cuidadosos nesse ponto quando o assunto da discussão é sobre o qual não temos nenhum conhecimento claro. A ruptura da comunhão às vezes pode ser necessária quando “batalhamos pela fé que uma vez foi entregue aos santos” — fé no Plano Divino, no Redentor, na eficácia de Sua morte, etc. Esses assuntos são declarados claramente na Bíblia — não foram deixados à dedução como no caso da cronologia e de todas as questões baseadas na cronologia.”

Outro conselho sábio do irmão Russell sobre o assunto encontra-se em *Estudos das Escrituras*, Volume 6, páginas 240-242: “A unidade de fé é desejável; ela deve ser buscada — mas não o tipo de unidade que geralmente se almeja. A unidade deve seguir as linhas da “fé uma vez entregue aos santos” em sua pureza e simplicidade, e com total liberdade para cada membro ter diferentes pontos de vista sobre pontos menores... A idéia bíblica de unidade está nos princípios fundamentais do Evangelho. (1) Nossa redenção pelo sangue precioso e nossa justificação pela fé demonstrada nele. (2) Nossa santificação, nos colocando à parte para o Senhor, para a Verdade e para

seu serviço — incluindo o serviço aos irmãos. (3) À parte desses fundamentos... não pode haver comunhão bíblica; em todos os outros pontos, a mais plena liberdade deve ser concedida.”

Os nossos desafios em matéria de unidade são agravados por nossas crenças e práticas: (1) que estamos em pé de igualdade no que diz respeito a nosso relacionamento com Deus e interpretação da Bíblia. (2) por realizarmos a maioria de nossas reuniões semanais em formato de discussão aberta. Assim, estudamos a Bíblia, chegamos a uma variedade de conclusões, e nossas reuniões são um fórum para compartilhar nossas conclusões.² Conseguem ver o desafio inerente?

Paulo abordou esta diversidade, reforçando ao mesmo tempo a unicidade de onde provém: *“Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo Espírito; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de cura, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, conforme quer. Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.”* — 1 Cor. 12:4-13, NVI

A mensagem cristã é inclusiva

Alguns irmãos podem ter uma habilidade natural de reunir as pessoas; o resto de nós terá que aprender através dos caminhos tortuosos que marcam nossa vida. Mas para sermos úteis ao nosso Senhor em sua obra do Reino, precisaremos ter essa habilidade. Precisamos ajudar as pessoas a superar as feridas desta vida, a confiar no Deus que tem sido incompreendido e deturpado por milênios, a unir-se a muitos outros para construir um mundo que terá um lugar para todos os que já viveram, um mundo caracterizado pela harmonia, pela paz e pelo amor.

A “mensagem cristã” anunciada por muitos é uma mensagem de exclusão. Mas as Boas Novas anunciadas pelos anjos na noite do nascimento de Jesus foram uma mensagem de inclusão: *“Boas novas de grande alegria... a todas as pessoas.”* Praticamos a inclusão? Especialmente dentro de nossa irmandade?

Quando os discípulos disputavam as honras, Jesus disse: *“O maior dentre vós será vosso servo... aquele que se humilhar será exaltado.”* (Mateus 23:11-12) Na Parábola dos Trabalhadores da 11ª Hora (Mateus 20:1-16), o patrão pagava a cada trabalhador o mesmo, um denário. Isso fala sobre a igualdade entre nós aos olhos de Deus, e a humildade que devemos ter,

não nos considerando mais importantes do que qualquer outro servo de Deus.

Conclusão

Alguns irmãos podem ter uma habilidade natural de reunir as pessoas; o resto de nós terá que aprender através dos caminhos tortuosos que marcam nossa vida. Mas para sermos úteis ao nosso Senhor em sua obra do Reino, precisaremos ter essa habilidade. Precisamos ajudar as pessoas a superar as feridas desta vida, a confiar no Deus que tem sido incompreendido e deturpado por milênios, a unir-se a muitos outros para construir um mundo que terá um lugar para todos os que já viveram, um mundo caracterizado pela harmonia, pela paz e pelo amor.

A “mensagem cristã” anunciada por muitos é uma mensagem de exclusão. Mas as Boas Novas anunciadas pelos anjos na noite do nascimento de Jesus foram uma mensagem de inclusão: *“Boas novas de grande alegria... a todas as pessoas.”* Praticamos a inclusão? Especialmente dentro de nossa irmandade?

Quando os discípulos disputavam as honras, Jesus disse: *“O maior dentre vós será vosso servo... aquele que se humilhar será exaltado.”* (Mateus 23:11-12) Na Parábola dos Trabalhadores da 11ª Hora (Mateus 20:1-16), o patrão pagava a cada trabalhador o mesmo, um denário. Isso fala sobre a igualdade entre nós aos olhos de Deus, e a humildade que devemos ter, não nos considerando mais importantes do que qualquer outro servo de Deus.

1 Nota do Tradutor: Naturalmente, em assuntos secundários e não salvíficos. Em outros assuntos essenciais, estamos em plena harmonia.

2 Nota do Tradutor: Embora na maioria dos casos possa ser assim, em alguns casos **extremos** realmente a separação se daria por esse motivo.

